



Editorial

Editorial / Editorial

A NOVA SEXUALIDADE - I

The new sexuality - I

A questão da sexualidade tem vindo a sofrer um processo de transformação contínua no plano cultural e social, montada sobre os princípios e as estratégias de uma sociedade mercantilizada.

É nestes períodos de transformação que o seu carácter compósito e sujeito às alterações e recodificações contínuas se torna evidente. Por isso, todas as modernas teorias do sexo e da sexualidade levantam a questão sobre os aspectos sexuais que são naturais, saudáveis e essenciais e os que são não naturais, patológicos e construídos e os vários teóricos têm reflectido sobre o modo como as pessoas na nossa cultura atribuem, novos significados a coisas que parecem inalteráveis. Por exemplo, as práticas sexuais tais como o *cunnilingus* e o *felatio*, sempre entendidos como anormais, de repente são experienciados como perfeitamente normais. A suposta sexualidade unitária e completa tem vindo a ser cada vez mais fragmentada para responder a novos desejos e significados, implantando novas necessidades e novos campos experienciais, dando espaço a novos mercados de práticas e serviços. Em alguns casos, estas transformações ocorreram abruptamente, num período de poucas décadas.

É esta transformação que pretendo tratar; não segundo um discurso meramente médico ou psicológico, mas antes sob a égide do olhar social.

Neste editorial darei conta das suas grandes transformações para, nos próximos, me ocupar de aspectos particulares dessa grande transformação que levou ao que alguns consideram ser a neosexualidade.

A seguir à separação da esfera "sexual" das suas novas contrapartes lógicas ou não sexuais (ou, illogicamente designadas por "erótico"), que ocorreu há séculos e coincidiu mais ou menos com o nascimento cultural da "nossa" sexualidade, a esfera da sexualidade dissociou-se da esfera da reprodução. Esta divisão foi tão completa que nos anos 60 se acreditava que as duas não tinham absolutamente nada a ver uma com a outra. Pode-se mesmo afirmar que o isolamento da função reprodutiva em relação à esfera da sexualidade representou o que foi de facto "o segundo nascimento cultural" da nossa sexualidade — o nascimento, em outras palavras, de uma sexualidade supostamente pura.

Nos anos 70 e 80 esta separação foi seguida pela dissociação da esfera da sexualidade da esfera do género. Na verdade, o "sexo" foi dissociado do papel do género e, mais tarde, da "identidade de género", dimensões que eram vistas previamente, de uma forma acrítica, como aspectos de uma mesma unidade. A consequência foi a tendência para problematizar o relacionamento masculino-feminino em conjunto com uma desconstrução dos conceitos andromórficos. Tudo isto resultou na anulação de uma sexualidade única para dar lugar a uma sexualidade masculina e feminina.

Essa transformação tem ocorrido por surtos explosivos entremeados por períodos de acalmia. O clamor da revolução sexual dos anos 60-70, traduzido por movimentos estudantis,



movimentos femininos, movimentos gays, pornografia, sexografia, desencadeara nessa época erupções sociais sem paralelo, favorecidas por uma abordagem tecnológica e médica à reprodução e uma separação teórica (mas não na prática) entre a lei e a moral. Mas o principal destaque neste domínio ficou reservado por um lado, para a ressexualização cultural da mulher enquanto género - passava a ser obrigada a experimentar o orgasmo, sendo-lhe negado o status de ser sexual *sui generis* baseado, até aos anos 30, em argumentos filogenéticos e fisiológicos espúrios – e, por outro, à psicologização extrema do par heterossexual.

Esta revolução sexual foi precedida pelo questionar de modelos morais maritais tradicionais e pela revelação "da família feliz" como fonte de opressão e de descontentamento. Esse questionamento foi altamente influenciado pela introdução dos contraceptivos orais que, por um lado permitiram que as mulheres, pela primeira vez na história humana, pudessem impedir gravidezes indesejadas com um grau de fiabilidade sem precedentes, diminuindo desse modo medos e ansiedades relacionados com esse tipo de gravidezes; por outro lado, esta inovação técnica contribuiu para colocar, sobretudo mulheres jovens, numa situação de grande tensão para não se sentirem constrangidas face ao acto sexual (traduzido no célebre slogan "prazer sem pesar").

Nos anos 60 a sexualidade tinha alcançado tal aura que alguns teóricos estavam convencidos que a libertação sexual poderia causar a libertação da opressão de uma sociedade inteira. Em geral pensava-se que o sexo deveria ser praticado tão frequentemente e tão intensamente quanto possível; a monogamia e a reprodução, a virgindade e a fidelidade marital, a abstinência e o ascetismo eram vistos como desperdícios culturais ou características regressivas que deveriam ser combatidas.

Apesar de revolucionária, esta época precedeu uma outra que, mais silenciosa, acabou por deixar mais consequências no arranjo sócio-cultural dos anos 80 e 90. Essas consequências traduziram-se por diversos tipos de relacionamento, dimensões e fragmentos que antes não existiam ou que ainda não tinham sido designados. Na verdade, nos anos 90 a sexualidade já não epitomiza a busca do prazer e da felicidade, já não é mistificada positivamente como êxtase ou transgressão mas, antes, negativamente como fonte de abusos de violência, de desigualdade, de opressão e de infecção mortal. Como consequência, os temas dos adultos restringem-se às matérias tais como ofensores sexuais e disfunções sexuais, comércio e sexo, "festas com sexo", encontros de uma noite, paradas do amor, aparelhos de vácuo, auto-injecções intracavernosas, viágras e tudo o mais. Fragmentos de uma intimidade entre homem e mulher; outrora um marco contra a tendência geral para a reificação, agora sujeita a uma mistificação negativa. Fragmentos que incluem figuras discursivas como a mãe que ama pouco ou em demasia, isto é, imprópriamente em qualquer caso; o pai fisicamente ou psicologicamente ausente; a criança sexualmente abusada; o homem sexualmente violento; o homem desejado sexualmente selvagem; a mulher com falta de desejo sexual; a mulher ninfomaniaca com um contínuo erótico; o turista sexual que explora mulheres e crianças nos países pobres do mundo; o perverso electronicamente dispersado; o solteirão; o homem impotente medicamente tratado; o duvidoso do género cirurgicamente acalmado; o homossexual consciencioso que pratica a prevenção da SIDA; o casamento entre homossexuais abençoado pela Igreja; a pessoa apaixonada por si própria; o místico abstinente; o futurista cibersexual; e o mais notável, histórica e socialmente assimétrico, culturalmente dissociado, politicamente inseguro, emocionalmente enganado, filosoficamente aporético, o CASAL HETEROSSEXUAL.

Eis o discurso actual, pessoalmente torturado, que povoa o estádio de Eros como o representante moderno do Anti-Eros.

A diversificação dos estilos de vida e de formas de sexualidade socialmente aceites levaram à



diferenciação das velhas categorias de hetero e homossexualidade. Diferentes modos de respostas sexuais baseadas no género, antes categorizadas como tipicamente heterossexuais, homossexuais ou perversas por falta de uma matriz mais diferenciada, acabam por saltar destas órbitas de prescrição, definindo-se e diversificando-se como estilos de vida. As velhas entidades patológicas, tais como o sado-masiquismo ou o transsexualismo, desintegraram-se e reapareceram como neossexualidades.

Novos tipos de estados do eu associados com a bissexualidade, o transsexualismo, o sado-masiquismo e o fetichismo, apenas para nomear alguns, são tipicamente novas sexualidades na medida em que são primariamente orientadas pelos impulsos, no sentido da velha psicologia. São, simultaneamente, sexuais e não sexuais, porque por auto-respeito, satisfação e homeostase são derivados não apenas da mistificação do amor guiado pela cobiça e do fantasma do orgasmo solitário na relação sexual, mas também do medo que acompanha a auto-exposição não sexual e a auto-invenção narcísica.

Tudo isto se torna visível nas paradas do amor e nas festas *raves*, onde os neossexuais se anunciam como sujeitos sexuais sedutores e objectos sexuais lascivos. O que aparentemente é anunciado em tais eventos é um desejo colectivo de uma sexualidade sem conflitos e a finalidade ostensivamente apresentada é a de uma comunidade altruística. No entanto, os que se envolvem nesses movimentos procuram ficar fora dessa comunidade, em razão da forma como vestem ou como se comportam, voltando-se narcísica ou egoisticamente para eles próprios. Todos são contra as convenções e é isso que os põe em conjunto.

A par da comercialização total destas esferas, o processo de dissociação cultural da nossa sexualidade conduziu à dispersão em grande escala de partículas, fragmentos, segmentos e estilos de vida. Este processo foi designado por muitos como a dispersão sexual. Promoveu a emergência de novos constructos que eliminaram velhas tensões, dúvidas e medos para dar a lugar à emergência de outros.

A comercialização da sexualidade, do amor e do género torna esta dispersão física e, por isso, palpável. Trata-se de uma tentativa de embalar tantos fragmentos e segmentos quanto possível num formato vendável e sujeitá-lo às leis do mercado — estamos a falar de fenómenos como a auto-exposição nos media, das escolas de *flirts*, agências de encontros sexuais, produção de cintos de castidade, preservativos das mais variadas formas e cores, prostituição infantil, etc.

A par dessa comercialização, o extenso escrutínio e discussão pública a que foram sujeitas levou a uma deslocação apreciável do limite entre o normal e o anormal, entre o pessoal e o público. Basta vermos que a primeira onda do sexo veiculado nos media, ela própria um componente significativo da revolução sexual dos anos 60, se focalizou, primeiramente, na sexualidade normal, em torno de temas como nudez, relações homem-mulher, coito, contracepção, puberdade, etc., enquanto que a actual onda do sexo vai muito mais longe de que é considerado normal e tende a dirigir a atenção para aspectos menores cada vez mais isolados.

São estes aspectos que trataremos no próximo editorial.

João Marques-Teixeira



